

## O MISTÉRIO E FANTÁSTICO EM “AS FORMIGAS”

Jeane de Cassia Nascimento Santos (UFS)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é estudar o gênero fantástico no conto *As Formigas*, de Lygia Fagundes Telles. Para atingi-lo foi utilizado como fundamentação teórica básica a obra *Introdução à Literatura Fantástica*, de Tzvetan Todorov. A partir das indicações de Todorov chamamos a atenção, principalmente, para os elementos da narrativa e o significado da metamorfose, simbologias e elementos fantásticos existentes no conto. Constata-se também a dificuldade de conceituar o fantástico e as diferentes formas de manifestação do gênero conforme a época, o local e a cosmovisão do leitor. Além disso, o texto destaca a sobrevivência do fantástico até os nossos dias e a organização do discurso fantástico no conto analisado.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; fantástico; linguagem.

**RESUMEN:** El objetivo de este trabajo es estudiar el género fantástico en lo cuento *As formigas*, de Lygia Fagundes Telles. Para llegar a ella se utiliza *Introdução à literatura fantástica*, de Tzvetan Todorov. Desde indicaciones Todorov llama la atención sobre todo a los elementos de la narrativa y el significado de la metamorfosis, los símbolos y los elementos fantásticos que existen en la historia. También se observa la dificultad de conceptualizar lo fantástico y las diferentes manifestaciones del género como el tiempo, el lugar y la cosmovisión del lector. Además, el texto destaca la asombrosa supervivencia hasta nuestros días y la organización del discurso en la esquina parecía fantástico.

**PALABRAS CLAVE:** género, fantástico, lenguaje.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus de Itabaiana. Doutora em Literatura pela USP.

As histórias envolvendo mistério, suspense, terror, mágicas sempre fizeram parte da humanidade. No decorrer do tempo encontram-se essas narrativas na forma oral, escrita e visual. A princípio, eram contadas oralmente e passadas de geração em geração, causando medo nas pessoas e envolvendo-as num ambiente de mistério. Mais tarde, após o advento da Imprensa, passaram a ser escritas, deixando vestígios, por exemplo, nos contos de fadas com que se entretêm as crianças.

Atualmente, com o surgimento das diversas e diferenciadas tecnologias visuais usadas no cinema e na televisão, muitos filmes vêm aprimorando esse universo de magia que atrai milhares de pessoas, ávidas por “sentir” medo ou simplesmente “curiosas” pelo suspense inerente ao gênero. O fato se justifica porque, ao contrário do que se poderia imaginar, as pessoas, desde a infância, são atraídas por essas narrativas em que bruxas, fadas, mágicas, transformações e outros elementos misteriosos fazem parte de um todo onde cada um desses recursos acrescenta à trama um componente novo. Uma das formas desse tipo de narração, denominada Fantástico, elege a identificação entre leitor e personagem como o elemento que determina a existência do fantástico. A relação, o diálogo, a cumplicidade entre personagem e leitor estão no âmago desse gênero, que tem como característica deixar este último pensativo, em estado de suspensão, encantamento, estranheza TODOROV (1979). A mesma relação entre leitor e personagem apontada por Todorov como característica do fantástico também é destacada por Julio Cortazar:

o verdadeiramente fantástico não reside tanto nas estreitas circunstâncias narradas, mas na sua ressonância de pulsação, de palpitar surpreendente de um coração alheio ao nosso, de uma ordem que nos pode usar a qualquer momento para um dos seus mosaicos, arrancando-nos da rotina para nos pôr um lápis ou um cinzel na mão. (CORTÁZAR, 1993, p. 179)

Na literatura brasileira, alguns autores escreveram obras que podem ser consideradas fantásticas. Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, coloca o leitor diante de um narrador já morto que relata sua vida; Murilo Rubião concretiza o fantástico como opção de sua produção literária; em *A sombra do rei barbudo* e *A hora dos ruminantes*, J. J. Veiga inicia a narrativa sem grandes surpresas, porém a condensação dos elementos resulta no inexplicável; Lygia

Fagundes Telles, com enredos onde real e sobrenatural se cruzam, propõe incertezas e absurdos.

Elegemos como objeto de estudo desse artigo, o conto *As formigas*, inserido na edição mais recente do livro *Mistérios*, que o professor e ensaísta Alfred Opitz, na tradução que fez para o alemão, intitulou de Contos Fantásticos. Nos contos publicados nessa obra, particularmente, observamos que o conflito com o mistério e sua elucidação não se manifesta de forma evidente, causando no leitor uma sensação de estranheza e inquietude.

Quanto à obra de ficção de Lygia Fagundes Telles, evidencia-se que o fantástico não chegou a ser aí cultivado sistematicamente, como ocorrera na produção literária de dois de seus contemporâneos de geração, Murilo Rubião e José J. Veiga. Porém, a vertente fantástica se manifesta desde a publicação de seus primeiros contos. De acordo com a própria autora, através de entrevistas a diversos meios de comunicação, antes mesmo da explosão do realismo mágico na década de 70, ela já produzia seus contos nesta linha. A maioria dos contos que compõe *Mistérios* foi escrito na década de 50 e engavetados; só retomados anos depois, conforme entrevista da autora ao jornal *O Estado* de São Paulo:

Lembro-me de um livro de contos que escrevi quando era muito jovem, em 1958. Eram contos que hoje seriam considerados fantásticos. Na época esse gênero não estava na moda. No entanto, fui impelida pelos personagens a escrever, a me identificar com todo aquele mundo de mistérios, os meus sonhos, as visões, o meu lado obscuro. Agora esses contos e mais alguns que escrevi na década de 70 e provam a minha inclinação para esse tipo de literatura, que hoje sim está na moda, foram publicados no livro "Mistérios". Aliás, o interesse por esses contos surgiu de uma editora alemã que selecionou uma série de contos meus para publicá-los com o título de "Contos Fantásticos". Fiquei na maior perplexidade quando vi a maioria dos contos escolhidos. Nunca pensei que tivesse escrito tanto conto fantástico. Fiquei na maior excitação. Foi uma descoberta saber que eu estava escrevendo esse tempo todo contos fantásticos.(TELLE, 1983)

O fantástico nos contos de Lygia Fagundes Telles não apresenta as mesmas características dos textos do século XIX. Observamos que a autora utiliza-se de atmosferas fantásticas como pano de fundo para os seus contos. Além disso, a obsessão o sonho, a morte são temas que levam a um final ambíguo. Dessa

forma, não alinhamos os contos da autora como totalmente fantásticos se levarmos em conta os pressupostos formulados por Todorov uma vez que sua teoria serviu com muita propriedade à análise dos autores do século XIX. O que acontece nos contos de Lygia Fagundes Telles é o emprego de diferentes recursos de linguagem para criar em seus textos uma atmosfera nebulosa que se aproxima do fantástico.

Não existe em seus textos uma preocupação em filiar-se a este ou àquele gênero. Ela os constrói no sentido de aproveitar o que há de melhor para sua produção literária. Segundo Fábio Lucas, Lygia Fagundes Telles faz parte do que ele chama de escritores "visionários"(4). Seriam aqueles que, no pós-guerra, não se preocupam em descrever a realidade social e dão maior ênfase a um discurso sobre a transcendência. (LUCAS,1989)

Entendemos, assim, que seria inapropriado definir o fantástico através de termos precisos e imutáveis, visto que tal definição limitaria as análises de textos modernos, ricos e complexos. Vale lembrar que raras vezes um texto literário consegue seguir com rigidez as demarcações específicas de determinada corrente ou gênero. Podemos afirmar que a maioria dos textos é o resultado de uma mistura de recursos literários que em certos momentos pendem mais para um lado do que para outro.

Em relação aos contos, através de sua construção, todas as expectativas são quebradas à medida que o leitor prossegue em sua leitura, uma vez que o texto se constrói a partir de uma combinação de diversos elementos, cuja organização interna visa o equilíbrio entre as partes constitutivas. A manutenção desse equilíbrio é de total responsabilidade do escritor e é através dele que o leitor se identificará com o texto.

A narrativa fantástica, em geral, privilegia a hipótese de existência do sobrenatural de forma negativa. Já o maravilhoso, ao contrário, de forma positiva. Nos textos de Lygia Fagundes Telles há uma preferência por situações que perturbam as personagens como o medo, a não aceitação de si mesma, o ciúme, relações libidinosas, as ansiedades, etc.

Quanto à ambiguidade, para que ela se concretize, a narrativa fantástica deve manter elementos contraditórios; todos os recursos da narrativa precisam estar a serviço dessa incerteza que na maioria das vezes nos é transmitida pelo narrador. Caso contrário, cabem às personagens criar as dúvidas em relação a um

determinado fato, através do seu discurso ou de uma reação imprevista. Como bem assinala Sônia Régis:

Lygia Fagundes Telles serve-se da linguagem para transcender o real aparente e imediato, transportando-nos para a intimidade do objeto de seu conhecimento.(...)

A narrativa de Lygia Fagundes Telles obriga-nos ao distanciamento do conhecimento dito objetivo para nos expor à nossa evidente, mas sempre repelida, subjetividade. Obriga ao conhecimento do mundo pelo reconhecimento dos sentidos, do imaginário, sutilezas do emaranhado da mente.(...) sua narrativa nos faz experimentar os limites da possibilidade de significação do objeto narrado e por isso nos comunica um sentimento de inquietude e estranhamento. (RÉGIS, 1998).

### O desenrolar do fantástico nos elementos da narrativa

Sobre a construção do enredo nos textos de Lygia Fagundes Telles, Fábio Lucas chama a atenção para os temas:

Lygia Fagundes Telles constrói enredos em que o natural se entrelaça ao sobrenatural, agrega aos núcleos temáticos subenredos que se ramificam, a propor ambigüidades, estados sutis da psicologia, surpresas de atos falhos, abismos de dúvidas, etc.

Joga de preferência com a corrente de pensamento, a rotação do drama da consciência, colocando a personagem em confidência com o leitor, num fluxo de confissão no qual se imprimem, no discurso consciente, traços impressionantes do inconsciente. (LUCAS, 1989, p.126-7)

No conto “As formigas”, duas primas chegam a uma pensão onde irão hospedar-se. São estudantes e precisam de um lugar barato para morar. A protagonista estuda Direito, e a outra, Medicina. São recebidas pela dona da pensão, que lhes mostra o quarto e dá à estudante de Medicina um caixote de ossos que era do antigo morador. A estudante, após observar o conteúdo da caixa, chega à conclusão de que se trata de ossos de um anão e encarrega-se de montar o esqueleto no final de semana. As noites que se sucedem à chegada das estudantes revelam-se misteriosas devido à movimentação dos ossos. Formigas, que misteriosamente aparecem somente à noite, encarregam-se de juntá-los e formar o esqueleto do anão. O conto termina com a fuga das duas primas.

Segundo alguns os teóricos da narrativa, para se configurar a ação como parte integrante de um enredo, é preciso que haja, entre os acontecimentos, uma relação de causa e efeito. Para definir o enredo Edward M. Foster apóia-se em dois exemplos: “O rei morreu e depois a rainha, e O rei morreu, depois a rainha morreu de pesar” (FORSTER,1998). No primeiro exemplo, temos apenas uma sucessão de acontecimentos. No segundo, a menção da causa da morte da rainha - de pesar - caracteriza a ação propriamente dita, estruturada de modo a construir o enredo.

A par deste aspecto ligado ao enredo, observa-se ainda, no conto de Lygia Fagundes Telles, que a ação é tecida de modo a manter aguçada até o final a expectativa do leitor. Os acontecimentos sucedem-se numa ordem cumulativa, para que o leitor seja gradativamente envolvido pela trama, de modo a construir o clima que produzirá nele o impacto final. Esse recurso, também utilizado nos demais contos de *Mistérios*, encaminha-se num objetivo muito claro, o de alcançar numa linha ascendente o ponto culminante da narrativa, que nos contos fantásticos tradicionais em geral, é a aparição do fantasma; no caso de alguns dos contos de Lygia Fagundes Telles, o ponto culminante é a metamorfose ou o surgimento do insólito, que matem a estranheza e o absurdo das situações.

No entanto, há, nos contos de Lygia Fagundes Telles, uma modernização no tratamento do fantástico. Anteriormente, o elemento fantástico era introduzido no ponto culminante da trama. Nos contos de Lygia, a instauração do fantástico ocorre logo no início da narrativa e há o aproveitamento do efeito da gradação para intensificá-lo. Dentro desta teia, o que pode ser observado é que nenhum dos contos traz explicação alguma para os mistérios que envolvem a ação. A curiosidade assalta o leitor, e o jogo de estranhamento ocorre num crescendo que não lhe deixa opções.

No conto *As Formigas*, o tempo é marcado pelas madrugadas inquietantes e também pela ação das formigas. Tudo acontece em três noites - desde a chegada das moças até sua fuga. No entanto, paralelamente à sucessão dos fatos que se referem às formigas, o sonho da personagem-narradora com o anão a reporta a uma outra temporalidade, ainda que subliminar, que sugere a inevitável relação entre a cronologia dos fatos exteriores e o efeito que provocam no seu inconsciente:

No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na

cama de minha prima, cruzou as perninhas e ali ficou, muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto! Mas acordei antes. (p. 33)

O espaço na narrativa é uma categoria de grande importância pois integra os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação. A narrativa fantástica, tal como o conto em geral, prefere sobretudo locais delimitados, ambientes interiores. Quanto à descrição dos espaços dessas narrativas, temos a passagem de um espaço mais amplo para um espaço mais restrito, indispensável para que ocorra um fenômeno sobrenatural, privilegiando-se assim, a criação de uma atmosfera nebulosa, sombria. Também podemos observar que alguns detalhes tornam-se mais importantes em detrimento do conjunto, bem como a indeterminação de alguns aspectos do espaço, algumas características do local e de objetos não mencionados ficam em aberto para complementação do leitor.

Em *As Formigas*, logo no início do conto, é a visão do sobrado que chama a atenção da narradora. Estranha o fato de uma das janelas estar com vidro quebrado, parecendo assim um olho a observar tudo que se passa. “Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada”. (p.31). Aos poucos, as personagens e o leitor vão conhecendo a pensão. Já antecipando os acontecimentos estranhos, a narradora observa: “É sinistro”. (p. 31). A descrição torna-se mais minuciosa:

o quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. (p. 32). Com a troca da lâmpada tudo fica mais claro: Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima (...) e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas (...). O quarto ficou mais alegre. Em compensação agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva. (p. 33).

Com a seqüência da narrativa, temos uma descrição sinestésica do espaço, que se dá com o aparecimento das formigas: “- De onde vem esse cheiro? (...) - Você não está sentindo um cheiro meio ardido?” (p. 33). Logo depois, o aparecimento das formigas indo para o caixote de ossos causa maior estranhamento ainda:

- Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo? (...) - São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida - estranhei. (p. 34)

Levando-se em conta a estrutura do conto, o número de personagens é normalmente reduzido, duas ou três participam do conflito. Quanto à sua caracterização, as personagens são sistematicamente planas, somente os caracteres mais relevantes são destacados, deixando-se de lado, inclusive, a nomeação das personagens. Normalmente, isso ocorre nas narrativas extremamente breves, onde o conflito se sobrepõe aos próprios participantes. Tudo se dá como se na existência das personagens, apenas um determinado incidente tivesse realmente importância, para tirá-las do anonimato.

Na narrativa fantástica há uma preocupação maior em provocar uma forte impressão no leitor. Segundo Todorov: "O fantástico implica pois uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados" (TODOROV,1992, p. 37). Em *As Formigas*, a personagem não se aprofunda nos seus sentimentos pessoais, mas, ao contrário, detém-se mais na observação dos fatos estranhos que acontecem ao seu redor.

(...)Minha prima dormia com a cabeça coberta. No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, à procura delas. Não vi nenhuma. Voltei pisando na ponta dos pés e então entreabri as folhas da veneziana. O cheiro suspeito da noite tinha desaparecido. Olhei para o chão: desaparecera também a trilha do exército massacrado. Espiei debaixo da cama e não vi o menor movimento de formigas no caixotinho coberto. (p.35.)

Segundo Todorov, nas histórias fantásticas o narrador diz habitualmente 'eu'. Em outras palavras, ele, enquanto sujeito da enunciação, constitui um elemento muito importante, razão por que é indispensável caracterizá-lo neste estudo, mesmo se tais referências não estejam à altura de sua importância na construção da obra. Convém ao fantástico, que o sujeito narrador seja uma personagem importante da ação. Porém é necessário dizer que essa conveniência não significa obrigatoriedade; ou seja, não se pode afirmar que este aspecto seja um dos seus traços distintivos do fantástico.

Quanto ao discurso, o autor aponta traços distintivos para o reconhecimento de um texto fantástico. Para a explicação desses traços, dá ao texto em três propriedades. A primeira delas depende do enunciado que tomará o discurso figurado ao “pé da letra”, ou seja, manterá a coexistência de elementos, que a princípio parece impossível. Assim, convém ao fantástico que o sujeito da enunciação coincida com uma personagem de certa importância na ação. Esse tipo de narrador é um fator importante para delimitação do gênero, porém não constitui um traço distintivo. Em as “Formigas”, a narradora, ao chegar à pensão, assinala situações que começam a intrigá-la:

(...)Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes. (p. 31). Em outro momento, compara a voz da prima à de uma formiguinha: Ela falava num tom miúdo, como se uma formiguinha falasse com sua voz. (p. 38).

Essa comparação reforça o tom de cochicho. Parece que, se falasse mais alto, acordaria o anão.

### Elementos fantásticos

A gradação nos textos fantásticos consiste na ascensão dos fatos narrados. A narração começaria de maneira vaga e ganharia corpo no desenrolar da história, atingindo só no término seu ponto culminante. Essa ascensão também ocorre no tempo que o leitor vai empregar na leitura. Não pode ser uma leitura truncada. Caso exista uma leitura precipitada dos capítulos finais, o que acontece com frequência, essa curiosidade prejudica não só o entendimento da obra mas também todo o processo de percepção do fantástico. É essencial para o texto fantástico que o leitor aprecie/leia o texto do começo ao fim de uma só vez.

No conto "As formigas", a atmosfera sinistra do sobrado dá margens, logo no início do texto, a pensar-se em fantasmas, coisas de outro mundo. Se o texto não caminhasse para esse final, não haveria motivo para descrição tão sinistra:

Ficamos imóveis diante do velho sobrado... (p.31);  
- É sinistro. (p.31); Parecia fascinada. (p.32);  
...Mas que maravilha. (p.32);

- ...E não tem trilha de volta, só de ida - estranhei. (p.34);
- Esquisito. Muito esquisito. (p.34);
- Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo. (p.35);
- Aí é que está o mistério. (p.36);
- Credo, não quero ver nada. (p.37)

As metamorfoses são tratadas como um dos elementos principais dos temas do fantástico. Em “As Formigas” há também indícios de metamorfose, que vão sendo introduzidos de forma gradativa. A transformação começa a preparar-se quando as formigas, enfileiradas, entram pela fresta da porta, dirigindo-se até o caixotinho:

- Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo? Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar. São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida – estranhei. (p.34)

A partir da entrada das formigas, o esqueleto começa a tomar forma, mudando gradativamente a posição dos ossos:

- Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui? (p.31)
- (...)- É que os ossos estão mesmo mudando de posição. (...) Estão se organizando. (p.36)
- O esqueleto já está quase inteiro, só falta o fêmur. (p.38)
- Vamos, vista isto, temos que sair antes que o anão fique pronto. (p.38)

As ações parecem se configurar como reais, induzindo o leitor, muitas vezes, a aceitar como acontecimentos naturais as manifestações metamórficas decorrentes da verbalização dos desejos das personagens, pelo jogo lúdico que se estabelece no interior da narrativa entre a voz das personagens e a voz do narrador.

Outro aspecto observado no texto fantástico é a percepção do homem em relação ao mundo. É sabido que o homem se relaciona com o mundo através dos cinco sentidos, porém um deles, o olhar, está intimamente ligado ao fantástico.

No conto estudado, o olhar é um tema recorrente, e se manifesta através de diversas formas: olhar para o espelho; olhar através das lentes dos óculos; o olhar estrábico; a comparação das janelas com olhos tristes; os vários modos de olhar.

Todorov inclui objetos espelho e óculos como pertencentes ao tema do olhar. Ambos permitem à personagem penetrar no universo sobrenatural. Quanto ao olhar, diz Todorov: “Significativamente, toda aparição de um elemento sobrenatural é acompanhada pela introdução paralela de um elemento pertencente ao domínio do olhar”. (1992, p. 29)

Em “As formigas”, as janelas, que representam o olhar, parecem observar as personagens quando se encaminham para a pensão, causando imobilidade e medo em um delas: “Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por um pedrada” (p. 31). No final da narrativa, outra vez o olhar da janela acompanhando as personagens como se as vigiasse, porém já não parecem tristes. A narradora o encarou como se tivesse certeza de que alguém as observava: “Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra” (p. 38).

Através de recursos narrativos empregados nos textos de Lygia Fagundes Telles, observam-se situações, imagens que aos poucos vão construindo uma atmosfera fantástica. A linguagem dos textos é trabalhada no tom coloquial, fazendo que seja captada pelo leitor a situação ambígua que predominantemente reflete o estado emocional das personagens.

No conto *As formigas*, a atmosfera sinistra do sobrado dá margens, logo no início do texto, a pensar-se em fantasmas, coisas de outro mundo. Se o texto não caminhasse para esse final, não haveria motivo para descrição tão sinistra:

Ficamos imóveis diante do velho sobrado... (p.31);  
- É sinistro. (p.31);  
Parecia fascinada. (p.32);  
...Mas que maravilha. (p.32); ...  
E não tem trilha de volta, só de ida - estranhei. (p.34);  
- Esquisito. Muito esquisito. (p.34);  
-Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo. (p.35);  
- Aí é que está o mistério. (p.36);  
-Credo, não quero ver nada. (p.37).

Muitos elementos encontrados no conto de Lygia têm sua explicação na simbologia. Uma vez que o desenvolvimento simbólico centraliza-se no emocional

e o desenvolvimento racional dele se distancia, pode-se considerar que o Fantástico encontra na simbologia um meio de desencadear emoções.

Dessa forma, uma das razões pela qual o Fantástico ainda exista no século XX, estaria na ampliação do conceito do real, onde o leitor desenvolveria um estado propício ao simbólico. Esse contato facilita a compreensão desse universo desconhecido. Nesse sentido, observamos no texto de Lygia Fagundes Telles, a construção de um espaço fechado, denso, habitadas por personagens aparentemente comuns, com o diferencial de que já nascem condenadas à solidão, restando para elas apenas a fantasia como sobrevivência às exigências do mundo moderno.

### **Considerações finais**

Quanto ao fantástico nesse conto, encontramos na linguagem a maior responsável pela existência do gênero nos textos de Lygia Fagundes Telles. Vimos que é o imaginário que conduz a narrativa, flagrando as pessoas no seu dia-a-dia em busca de respostas para eternas perguntas. A linguagem é o fio que liga a palavra ao pensamento, carregando em si a simbologia existente na imaginação. A autora utiliza-se de climas ambíguos, figuras retóricas, simbologia, frases premonitórias e os mais variados recursos estilísticos exigidos pelo fantástico. Sua essência, em Lygia, está nesse poder imaginativo do ser humano para o qual formigas reconstituem um anão, olhos olham para o que querem, odores causam entorpecimentos capazes de levar as pessoas ao devaneio e ao sonho. Enfim, tudo o que não é possível na vida real, é permitido pelo fantástico que, neste caso, não precisa provar a existência do sobrenatural. Fantástico é o poder imaginativo do ser humano evidenciado pela linguagem. Falar desse poder é o intuito básico da autora.

### **Referências Bibliográficas**

CORTÁZAR, Julio. Algunos aspectos del cuento In: **Obra crítica/2**. Buenos Aires: Alfaguara, 1994.

\_\_\_\_\_. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993

FORSTER, E. M. (1998). **Aspectos do Romance**. Porto Alegre: Globo, 1998.

LUCAS, Fábio. (1989). O conto no Brasil Moderno: 1922-1982. In: **Do Barroco ao Moderno**. Vozes da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática.

PAES, José Paulo. As dimensões do fantástico in: **Gregos & Baianos, Ensaios**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PAES, José Paulo. Ao encontro dos desencontros in: **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998.

RÉGIS, Sônia. "A densidade do aparente". In: **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles**. Rio Janeiro: Presença Edições, 1985.

TELLES, Lygia Fagundes. **Mistérios**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TODOROV, Tzvetan. (1979). **As estruturas narrativas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. (1975). **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

**Recebido:** 01/06/2013

**Aceito:** 01/07/2013

